



**JASON REYNOLDS**

· AUTOR MULTIPREMIADO ·



**PATINA**

COISAS PARA FAZER: CORRER, CORRER E CORRER. E GANHAR.



*Àqueles a quem passaram  
o testemunho cedo demais.*

# 1

*Coisas para fazer: tudo  
(incluindo esquecer-me da corrida  
e fazer tranças à minha irmã)*

**S**e há coisa que não existe são falsas partidas. É que falso significa a fingir, e não há partidas a fingir na pista de corridas. Ou partimos ou não partimos. Ou corremos ou não corremos. Não há meio-termo. Agora, pode muito bem haver uma partida errada. Isso já faz mais sentido, para mim. Significa que começámos na altura errada. Atirámo-nos em frente e desatámos a correr sozinhos, sem ninguém ao lado. Não temos adversários a não ser o nosso cérebro a dizer-nos que vem ali alguém a morder-nos os calcanhares. Mas não há lá ninguém, na verdade. Não vem ninguém atrás de nós. É isso que querem dizer com «falsa partida». Quando começamos a correr na altura errada. E, no primeiro encontro da época, ninguém sabia isso melhor do que o Ghost.

Antes da corrida, eu e o resto da malta estávamos nas linhas laterais, a aplaudir e a incentivar o Ghost e

o Lu enquanto eles assumiam as suas posições. Isto, é claro, depois de eles próprios se terem animado um ao outro, a conversarem como se não houvesse mais ninguém ali na pista. É engraçado como aqueles dois passavam a vida às turras, ao início, e acabaram por se tornar grandes amigos, como se formassem um gangue de dois ou coisa do género. O Lu e o Ghost, juntos como cola. Ah! Cola! Ghost e Lu = Glue<sup>1</sup>. Que giro. Podia muito bem ser o nome piroso dos dois. Mas Lost<sup>2</sup> também funcionava. Aliás, houve ali uma altura em que eu pensei que esse nome ainda era mais adequado. Especialmente depois do que o Ghost fez.

Primeiro ainda achei que ele tinha calculado a coisa ao milímetro. Pensei que o Ghost tivesse saltado da linha no preciso instante em que a arma disparou, como se já soubesse que o tiro vinha aí. Como se conseguisse senti-lo na carne, ou algo no género. Mas depois ele não ouviu o segundo tiro. Enfim, retiro o que disse. É claro que o ouviu. Fez um estrondo daqueles. Era impossível não ouvir. Mas ele não sabia que o segundo tiro significava que ele se tinha antecipado, e que tinha feito uma falsa partida. Quer dizer, era a primeira corrida a sério em que ele entrava, portanto não fazia ideia de que o segundo tiro era para o mandar parar de correr e voltar à linha de partida. E então... ele não parou.

---

<sup>1</sup> «Cola», em inglês. [N. T.]

<sup>2</sup> «Perdidos», em inglês. [N. T.]

Correu os cem metros até ao fim. Não percebeu que o público não estava a torcer por ele, e sim a gritar-lhe que parasse e voltasse para trás. Depois, quando chegou à meta, levantou os braços em sinal de vitória e virou-se com um daqueles sorrisos cheios de dentes muito brancos até reparar que os outros atletas — os adversários dele — ainda estavam na outra ponta da pista. Virou-se para a multidão: toda a gente a rir-se, a apontar e a abanar a cabeça, enquanto o Ghost deixava cair a dele. Pôs-se a olhar para o alcatrão, com o peito insuflado como se alguém tivesse enchido um balão dentro dele, e depois soltou o ar, e voltou a inspirar, e voltou a bufar. Tive medo de que o balão rebentasse. De que o Ghost fosse explodir como costumava fazer quando entrou para a equipa. E percebi, pela maneira como ele mordida o lábio, que era isso que lhe apetecia fazer — ou então continuar simplesmente a correr, para fora da pista, para fora do parque, o caminho todo até casa.

O treinador foi ter com ele e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Não sei o que terá sido, mas provavelmente foi algo do género: «Não faz mal, deixa estar, tem calma, ainda estás em jogo. Mas, se repetires a gracinha, és desqualificado.» Ná. Se conheço bem o treinador, provavelmente foi algo mais profundo, tipo... sei lá. Não me consigo lembrar de nada agora, mas o treinador é sempre bué profundo. O que quer que tenha sido, o Ghost ergueu a cabeça e trotou de novo até à linha,

onde o Lu estava à espera de mão estendida para lhe dar mais cinco. O Ghost ainda estava sem fôlego, mas não havia tempo para o recuperar. Teve de se pôr de joelhos em posição e preparar-se para correr outra vez os cem metros.

O fiscal levantou novamente a pistola no ar. Eu senti mais uma reviravolta no estômago. O tipo voltou a premir o gatilho. *Pum!*, mais uma vez. E o Ghost lá largou a correr. Pela segunda vez. Era quase como se as pernas dele fossem feitas de dinamite e a primeira corrida tivesse sido apenas o rastilho a arder. E, deixem-me dizer-vos, o Ghost... explodiu mesmo. Arreventou com a corrida da melhor maneira possível. Quer dizer, o gajo saiu disparado na meta, ainda mais depressa do que da primeira vez, com as sapatilhas prateadas a lançarem faíscas no chão.

Primeira corrida. Primeiro lugar.

Mesmo depois de uma falsa partida.

E se uma falsa partida significa uma partida verdadeira na altura errada — demasiado cedo —, então eu devo ter tido um falso final, não no sentido em que foi um final a fingir, mas um final verdadeiro... só que demasiado tarde. Faz sentido?

Só para o caso de não fazer, deixem-me explicar.

A minha corrida era logo a seguir à do Ghost. E a questão é que eu ando a treinar os oitocentos metros há três anos. É a minha especialidade. Desenvolvi uma

forma particular de correr essa distância. Saio do bloco com força e baixinho e, quando me endireito, adoto uma passada firme, mas deixo-me sempre ficar um bocadinho para trás. Sabem como é, ter calma na primeira volta. É tudo uma questão de ritmo. É aí que muitos atletas metem a pata na poça nos oitocentos metros. Começam demasiado depressa e chegam estoirados à segunda volta. O resto das miúdas pôs o acelerador a fundo, todas empolgadas com o avanço daqueles primeiros quatrocentos metros. Já eu tinha mais juízo. Sabia que a segunda volta era a parte decisiva da corrida. O que não sabia era quão rápidas podiam ser as minhas adversárias neste novo escalão. Em que forma é que elas estavam. E portanto, quando o tiro de partida soou e começámos a correr, percebi que o ritmo que ia ter de manter só para acompanhar o resto do pelotão era um bocado mais rápido do que aquele a que estava habituada. É claro que pensei que aquelas miúdas eram todas patetas e que se iam cansar dali a vinte segundos.

Dali a trinta segundos.

Dali a quarenta segundos.

Não chegou a acontecer e, em vez disso, fui eu que acabei por dizer a mim própria: *Oh, meu Deus, estou tão cansada. Como é que estou cansada?* E, quando fizemos a curva para os últimos duzentos metros, tive de dar corda aos sapatos e fazer pela vida. De maneira que liguei os propulsores.

E então a coisa passou-se assim:

A Trança-Africana, a Cabelo-Curto, a Rabo-de-Cavalo e a Rabicho-de-Burro iam à minha frente. *Vai-te a elas, Patty. Força, força, respira.* A Trança-Africana estava agora ao meu lado. A multidão desatou a gritar o cântico tradicional de quando alguém está a ser ultrapassado: *Wooooop! Wooooop! Wooooop!* Força, Patty. Dá-lhe tudo. A Trança-Africana já era. Só faltavam cem metros. A boca muito aberta. Os olhos arregalados. As pernas esticadas. *Vai-te a elas, Patty.* Os braços a bombar, a cortar o ar como se estivesse numa piscina. A Cabelo-Curto começou a abrandar. A cabecinha de ervilha a abanar como se fosse partir-se pelo pescoço. Devia estar cansada. Finalmente. *Wooooop! Wooooop!* Apanhei-a. Já só faltavam duas. A Rabo-de-Cavalo sentia a minha aproximação. Provavelmente era capaz de ouvir os meus passos sobre o ruído da multidão. Sabia que eu estava bem perto, e então cometeu o pior erro de sempre — aquilo que todos os treinadores passam a vida a dizer para nunca fazermos — e olhou para trás. É que, quando olhamos para trás, além de perdermos automaticamente o equilíbrio da passada, lixamos por completo a concentração. E, quando a Rabo-de-Cavalo espreitou por cima do ombro, o público voltou a gritar como uma sirene. *Wooooop! Wooooop! Wooooop!* Cinquenta metros. É isso mesmo, estou a ir. *Vai-te a elas, Patty.* Não perdem pela demora. Dava para ver a Rabicho-de-Burro logo à frente da outra, com aquela



mecha de cabelo ridícula espetada atrás da cabeça como se fosse uma língua de serpente. Ela estava a ficar sem fôlego. Dava para ver pela maneira como tinha descurado a postura. A Rabo-de-Cavalo também. Estávamos todas. E, o que era pior para mim, também estávamos a ficar sem pista.

Apanhei a Rabo-de-Cavalo por um nariz — segundo lugar — e deixei-me cair ao chão, com as pessoas a gritarem à minha volta, a saltarem para cima e para baixo nas bancadas antes de se tornarem um borrão de cor quando as lágrimas me subiram aos olhos. Segundo lugar? Só fiquei na porcaria do segundo lugar? Bolas. Mas não ia chorar. Podem crer que era o que me apetecia e que já tinha as lágrimas a queimar-me as pestanas, mas era o que mais faltava. Só queria dar pontapés a alguma coisa, tal a minha fúria. A treinadora Whit veio ter comigo e ajudou-me a levantar, mas, quando me pus de pé, soltei-me e fui a coxear até ao banco. Tinha as pernas a arder e cheias de cãibras, mas mesmo assim queria enfiar um pontapé nalguma coisa. Se calhar, deitar o banco ao chão. Dar um chuto nas idiotas das rodela de laranja que a mãe do Lu nos tinha trazido. Qualquer coisa. Mas, em vez disso, limitei-me a sentar-me e a não abrir a boca até ao fim do encontro. Sim, tenho mau perder, se lhe quiserem chamar isso. Eu cá só gosto de ganhar. Só quero ganhar. O resto é tudo... falso. Ou a fingir.

Mas era verdade.

Tão verdade, que continuava a não querer falar no assunto quando íamos a caminho da missa no dia a seguir. Com ninguém. Nem sequer com Deus. Tinha passado a manhã inteira a entrançar o cabelo da Maddy, tal como a Mamã me entrançava o meu quando eu era pequena. A única diferença é que a Mamã tem os dedos sapudos e costumava puxar-me o cabelo como se quisesse arrancá-lo ou deixar-me careca. Desculpava-se sempre com um «Temos de apertar bem, para as tranças não se soltarem». Já, pois. Eu nem sequer puxo o cabelo da Maddy assim tanto, e mesmo assim fico com um novelo nas mãos ao fim de meia hora, se ela ficar quietinha. O que nunca acontece.

— Falta muito? — choramingou a Maddy, mexendo-se sem parar no chão à minha frente.

— Estou quase a acabar. Relaxa, para eu poder... — Peguei na lata de contas e chocalhei-a ao pé do ouvido dela como se fosse uma maraca. E assim, sem mais, ela acalmou-se e deixou-me inclinar-lhe a cabeça para a frente para lhe entrançar a parte que faltava, os caracoizinhos pequenos da nuca. Enfiei o dedo na pasta que tinha nas costas da mão e massajei-lhe o couro cabeludo. Depois, pus mais um pouco no novelo de fios de cabelo que tinham saído, enrolei-o melhor e soltei-o, vendo-o transformar-se numa bola de algodão-doce castanho-escuro.

— Que cores queres? — perguntei, enquanto dividia o cabelo em três.

— HmMMM...

A Maddy pôs um dedo no queixo, a fingir-se pensativa. Digo a fingir porque é claro que ela sabia qual era a cor que queria. Escolhia sempre a mesma todas as semanas. Aliás, só havia uma cor dentro da lata.

— Vermelho — dissemos as duas ao mesmo tempo. Eu, é claro, um bocado no gozo. A Maddy tentou virar-se para me fazer uma careta, mas eu estava a meio da trança.

— Nada disso. Quietinha.

Depois vinha a parte das contas. Hoje eram trinta trancinhas. Três contas em cada trancinha dava noventa contas. Eu uso sempre bocadinhos de papel de alumínio nas pontas, para não deixar as contas saírem, embora já saiba que elas vão cair, de qualquer maneira. Mas quem é que tem tempo para aqueles elásticos minúsculos? Eu não, e muito menos a Maddy.

Quando acabámos, a Maddy fez a cena do costume: correu para a casa de banho. Eu fui atrás dela, como sempre, e peguei-lhe ao colo para ela se ver ao espelho. Sorriu, com a boca a parecer um piano com uma única tecla preta, a do dente da frente que tinha caído. Depois correu até à sala e soprou um beijo para uma das fotografias que está em cima do aparador ao lado da televisão — é sempre a mesma fotografia, de mim

com a idade dela, seis anos, com um grande sorriso a que falta o dente da frente, trancinhas na cabeça, contas vermelhas e papel de alumínio nas pontas.

Eu trato do cabelo da Maddy todos os domingos por duas razões. A primeira é porque a Mami não é capaz. Se dependesse dela, a Maddy usava o mesmo penteado todos os dias, uma bola afro de cada lado. Ou isso ou já o teria rapado por completo. Não é que se esteja nas tintas. Não está. É só que ela não sabe o que fazer ao cabelo da Maddy — ao nosso cabelo. A Mamã sabe, mas a Mami... nem por sombras. Nunca teve de pensar no assunto antes de nós, e não é como se houvesse um livro de instruções a ensinar aos brancos como tratar da carapinha dos negros. Além disso, o marido dela, o tio Tony, não ajuda nada. Desde que nos adotaram, sempre que falo do cabelo da Maddy, ele diz para o deixar estar. Como se tivesse de ser ele a enfrentar os comentários maldosos das meninas da turma dela, todas de ganchinhos no cabelo. Até parece. Felizmente para todos, especialmente para a Maddy, eu sei o que faço. Toda a vida fui uma rapariga negra.

A outra razão pela qual trato do cabelo da Maddy aos domingos é porque é nesse dia que vamos visitar a Mamã, e não quero que ela veja a Maddy «como se fosse uma maltrapilha». E portanto, quando acabo de a pentear, vestimo-nos as duas. Mas vestir a sério, como deve ser. A Maddy põe um dos seus vestidinhos de ir à missa

com uns sapatos de verniz brancos, do género que só se costuma usar no domingo de Páscoa. Mas para nós — para a Mamã — todos os domingos são domingo de Páscoa. Eu também ponho um vestido, e passo depois um pente pelo cabelo até ele cooperar. Umas sabrinhas pretas feiosas, porque a Mamã não gosta que eu «entre espampanante na casa do Senhor». E então a Mami leva-nos de carro até Barnaby Terrace, o bairro onde eu antes vivia, do outro lado da cidade.

Barnaby Terrace é... porreiro. Não sei o que dizer mais, a não ser que não há mais nada de especial para dizer. Não há lá ninguém rico, de certeza absoluta. Mas também não há ninguém estupidamente pobre. Toda a gente é apenas normal. Pessoas normais com empregos normais que têm filhos normais que vão a escolas normais e crescem até se tornarem pessoas normais com empregos normais, e assim por diante. E acho que a minha vida também era bastante normal até há seis anos. Querem ver? Eu tinha acabado de fazer seis anos, e eu e o meu pai estávamos a fazer uma das nossas célebres festas de *cupcakes* invisíveis. Tipo como se vê nos programas antigos de televisão, em que as meninas tomam chá sem haver chá nas chávenas? Tipo isso. Só que eu não tinha um conjunto de chá, e a minha mãe não nos deixava usar as chávenas a sério, que aliás não passavam de canecas todas desirmanadas, e o meu pai dizia sempre que o chá sabia tão mal que nem sequer

valia a pena fingir que o bebíamos. Também dizia que «chá» e «comer» tinham as mesmas três letras<sup>3</sup>, e que portanto fingir que comíamos era o mesmo que fingir que bebíamos chá. E o que é que podia haver melhor para comer do que *cupcakes*? Portanto, era isso que tomávamos sempre — *cupcakes* imaginários.

Nessa noite, no entanto, a minha mãe acabou com a festa mais cedo, porque no dia a seguir havia escola, e além disso, na altura ela estava grávida da Maddy e precisava de que o meu pai lhe fizesse uma massagem nos pés. Então, ele segredou-me ao ouvido:

— Dorme bem, Panqueca docinha. A tua mãe e a Waffle precisam de mim.

Deu-me um beijo de boas-noites: primeiro na testa, depois em cada uma das bochechas. Não sei o que aconteceu a seguir, mas imagino que, depois de ter feito uma massagem nos pés da mãe, também lhe tenha dado um beijo de boas-noites. A ela e à Maddy, a nossa pequena «Waffle», que provavelmente estava a dar pontapés na barriga da mãe. Aposto que o pai lhe pregou um chocho no umbigo, antes de se virar para o outro lado e adormecer.

Acontece que depois não chegou a acordar.

Tipo... nunca mais.

Foi uma cena mesmo terrível. E se nós pudéssemos fingir que bebíamos chá com as canecas a sério da minha

---

<sup>3</sup> Em inglês, *tea* e *eat*. [N. T.]

mãe, elas teriam ficado todas partidas aos bocadinhos no dia a seguir, quando ela me acordou, com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara, e disse entre soluços:

— Aconteceu uma coisa.

Eu tê-las-ia partido uma a uma de encontro ao chão. E teria voltado a partir mais umas quantas quando, dois anos mais tarde, a minha mãe teve de cortar dois dedos do pé direito. E seis meses depois disso, quando arrancou o resto do pé todo. E seis meses depois — faz agora três anos —, quando tirou as duas pernas. Garanto-vos que teria deixado os idiotas dos armários todos vazios. Canecas partidas por todo o lado. Deixávamos de ter onde beber.

Mas não fiz nada disso. Limitei-me a engolir em seco. E rezei para que aquilo fosse tudo a fingir, uma brincadeira invisível como as outras. Só que não era.

Para não ficarem com a ideia errada, não é como se a minha mãe tivesse cortado as pernas porque lhe apeteceu. Ela sofre do açúcar. Na verdade, é uma doença chamada diabetes, mas ela sempre disse que sofria do açúcar e eu também lhe chamo assim, até porque a palavra diabetes tem a palavra «morrer» no início<sup>4</sup>, e eu odeio essa palavra. Os sacanas dos diabetes deram cabo dos membros inferiores da minha mãe, que é como os médicos chamam às pernas. Lixaram-lhe o corpo todo,

---

<sup>4</sup> Em inglês, *diabetes* e *die* — a primeira sílaba lê-se da mesma forma. [N. T.]

porque não deixavam que o sangue lhe chegasse aos pés. Eu costumava esfregar-lhe as pernas à noite, como o meu pai fazia, e era como pôr óleo em dois troncos de árvore. A pele toda seca e encarquilhada. Inchada e escura como se tivesse estado a andar em cima de carvão. Mas a dada altura ela deixou de as sentir e eu passei a esfregá-las com ainda mais força, já não só para as hidratar mas para tentar devolvê-las à vida. E depois disso, elas acabaram por ficar basicamente... acho que a única maneira de dizer é... mortas. Os pés tinham morrido. Eu sei que disse que odiava a palavra, mas não há outra maneira de explicar. E suponho que a morte possa viajar, que possa espalhar-se como um incêndio pelo corpo, e portanto os médicos tiveram de lhe cortar as pernas — eles chamam-lhe «amputar», o que não sei porquê me faz pensar numa coisa a crescer, e não numa coisa a ser arrancada — logo acima do joelho, para ela não morrer.

A Maddy ainda só tem seis anos e desde que ela nasceu que eu tive de ajudar o melhor que sabia a tomar conta dela. Depois de a mãe ter perdido os dedos e os pés, no entanto, ajudar passou a significar fazer tudo e mais alguma coisa. Do género ter de fazer listas dentro da cabeça de todas as coisas de que era preciso tratar.

#### COISAS PARA FAZER:

- Dar banho à Maddy.
- Vestir a Maddy.



- Garantir que a Maddy comeu.
- Tudo.

Depois de a Mamã ter ficado sem pernas, os meus padrinhos — o irmão do meu pai, Tony, e a mulher dele, Emily — chegaram-se à frente e ficaram com a nossa «guarda». Da primeira vez que ouvi isso, pensei que eles eram os nossos «anjos da guarda», o que, na verdade, até é parecido. Aposto que o tio Tony e a tia Emily — a quem a Maddy passou a chamar mamã Emily, o que se converteu em Mami — não faziam ideia de que iam herdar este drama todo quando aceitaram ser nossos padrinhos. Aposto que só pensaram que iam ter de nos dar uns presentes de vez em quando, e não apenas nos anos ou no Natal. Darem-nos uma ou outra nota de dez dólares só porque sim. Cenas do género. E não tomar conta de nós todos os dias. Isso já é... mais puxado. Mas eles sempre agiram como se estivessem na boa — como se fosse mesmo essa a ideia de serem nossos padrinhos —, e nem sei como agradecer-lhes por isso, embora eu ainda tenha de tomar conta da Maddy à mesma, porque... porque sim. Continuo a ter uma série de listas no cérebro. Além disso, a Mami não sabe tratar de carapinha.

Porque é que estava a contar-vos esta história tão comprida?

Ah, já me lembro.

Por causa dos domingos. Aos domingos, como eu estava a dizer, o cabelo da Maddy tem de estar impecável. Para a Mamã.



*Coisas para fazer: dançar  
como se a minha mãe estivesse a ver-me  
(ou como se eu estivesse a matar baratas)*

Quando chegamos a casa da Mamã — a nossa anti...  
outra casa —, corre sempre tudo da mesma maneira. A Maddy salta para fora do carro e corre até à porta, com as continhas vermelhas a chocalharem a cada salto, o papel de alumínio nas pontas a brilhar como se cada trancinha fosse um foguete do 4 de Julho. Eu corro atrás dela.

— Toca só uma vez — tenho de avisar, porque uma das coisas preferidas da Maddy é tocar às campainhas um milhão de vezes. Mas, com a Mamã, que não consegue andar, isso pode parecer que estamos a apressá-la, o que é uma falta de educação.

— Eu sei, eu sei — responde a Maddy, fingindo que não se preparava para colar o dedo à campainha.

— Estou a ir! — ouve-se a voz abafada da Mamã por trás da porta de madeira. Quando ela a abre finalmente, a Mami já estacionou o carro e está ali ao nosso lado,

ainda a esfregar a cara ensonada, ainda de pijama e com umas chinelas de borracha que me parecem demasiado desconfortáveis. Mas isso é a Mami.

— Deus seja louvado — canta a Mamã, recuando com a cadeira de rodas para nos deixar espaço para entrar. A Maddy dá-lhe o primeiro abraço, interminável. É sempre assim, e a Mamã reage como se tivesse acabado de apanhar um buquê de noiva.

— Maddy, minha Waffle. — Um grande sorriso. — Estás a ficar maior de cada vez que te vejo. E mais bonita.

— Mas ainda na semana passada me viste!

— Pois, por isso é que digo que estás maior e mais bonita — diz a Mamã, radiante.

É sempre a mesma coisa, todas as semanas. Podiam variar um bocadinho, mas não. É a rotina delas, e precisamos todos do escape das rotinas, calculo. Uma forma de nos lembrarmos que, embora a vida com a Mami e o tio Tony seja boa, a Mamã é a nossa verdadeira família. É dela que nós vimos. É o nosso sangue.

Quando a Maddy larga os mimosinhos da Mamã, eu baixo-me e dou-lhe um beijo na cara. Sinto-lhe a pele seca e áspera nos meus lábios, e sei que não posso pôr batom porque isso também é «demasiado espampanante para a missa». Ela cheira a flores e a massa de bolos. E a cera para o cabelo, também. É um cheiro familiar.

— Olá, querida — diz ela, pegando-me na mão.

— Olá, Mamã. — Aperto-lhe os dedos. Ela aperta-me os meus.

Empurro a cadeira de rodas da Mamã — que traz sempre um vestido colorido, o cabelo em canudos acabados de fazer — até ao lado do pendura do carro. Ela era capaz de ir sozinha, mas eu gosto de fazer isso por ela. Imagino que seja mais um hábito meu. Às vezes a Mami tenta ajudar, mas ela sabe que isto é a minha cena. Tomar conta da Maddy, e depois tomar conta da Mamã. Abro a porta do carro e ponho o travão da cadeira para ela não sair disparada de debaixo da minha mãe enquanto ela se levanta com os braços para entrar no carro, antes de puxar o que lhe resta das pernas. Então, vejo se não há nenhuma ponta do vestido de fora, e finalmente fecho a porta e levo a cadeira até às traseiras do carro, onde a dobro para a enfiar no porta-bagagens. Tem um truque, porque, se não o fizer como deve ser, as rodas da cadeira sujam-me o vestido e vou ter de ouvir a Mamã o caminho todo até à igreja a ralhar-me e a dizer que «a limpeza é o mais perto que há da pureza de Deus». É claro que arrumo sempre bem a cadeira, porque ninguém tem tempo para sermões.

A seguir vem a conversa de circunstância antes da missa.

— Então, como foi a semana? — pergunta a Mamã à Mami depois de desligar imediatamente o rádio do carro (a Mami só ouve noticiários e debates) assim que

fazemos marcha-atrás. É claro que isto não passa de uma falsa partida, o início a fingir de uma conversa, porque a Mamã e a Mami falam tipo seis mil vezes por semana uma com a outra. É a Mamã a arranjar um pretexto para iniciar uma conversa e nos começar a mandar recados. Assim, a Mami não parece ser uma queixinhas. Apesar de eu saber que a Mami não tem outro remédio senão fazer queixa de nós. Quer dizer, ela é nossa tia. E nossa mãe adotiva. Denunciar-nos faz parte do papel.

— Não se meteram em grandes sarilhos — começou a Mami. — A Maddy trouxe uma série de testes para casa, todos com quatro.

— Quatro, hã? Isso é o quê, um Muito Bom? — A Mamã faz sempre a mesma pergunta, e não percebo se não se consegue mesmo habituar ao sistema de classificação do nosso colégio, ou se está só a torcer-lhe o nariz. Também costuma dizer que estas notas novas com números são uma moda pateta, e que não é por andarmos num colégio que vamos ficar mais espertas do que as outras crianças.

A Mamã abre a janela para deixar entrar um pouco de ar. O carro da Mami cheira sempre a banheira acabada de lavar com lixívia. Tipo... limpo, mas venenoso. A limpeza é o mais perto que há da pureza de Deus, certo? Neste caso está demasiado perto, tão perto que podemos morrer dela. Eu e a Maddy estamos habituadas, mas a Mamã fica afogueada sempre que entra no carro.

— Sim, Mamã. O quatro é o mesmo que um Muito Bom, lembrás-te? — intrometeu-se a Maddy do banco de trás. A Mamã não se virou, limitou-se a assentir.

— E a Patty... bem, as coisas estão mesmo a correr bem lá na nova equipa de atletismo. Patty, trouxeste a faixa?

Fitei os olhos da Mami de relance pelo espelho retrovisor. Até parece que ela não sabia que eu não tinha trazido faixa nenhuma. Que jeito é que dava trazer uma faixa para a missa? É claro que eu sabia onde é que ela queria chegar, mas se havia coisa de que não me apetecia falar naquele domingo era de corridas. Eu bem disse que tinha mau perder. E que guardo rancores, além disso. E agora tinha ficado instantaneamente aborrecida.

— Esqueci-me — respondi, amuada.

— Ah, nem imaginas, Bev. Ela acabou em segundo na...

— Então e as notas? Teve algum quatro ou cinco ou lá o que é? — interrompeu a Mamã enquanto a Mami me gabava. Bolas. Se havia outra coisa de que não me apetecia falar naquele domingo era da escola.

— Havemos de lá chegar. Ela ainda está a adaptar-se. Temos de lhe dar tempo.

Ela referia-se à minha nova escola. Até este ano, eu tinha andado em Barnaby, na escola primária e depois no 2.º ciclo, que eram duas escolas públicas no meu antigo bairro. A Mamã pensou que era melhor se

eu fizesse uma «transição suave» quando deixámos de viver com ela, e por isso continuei no mesmo agrupamento onde todos os meus amigos estavam. A Brianna, a Deena e principalmente a minha melhor amiga, a Ashley, que toda a gente trata por Cotton. Eu e a Cotton somos amigas desde o jardim de infância, quando a mãe do Lu Richardson era nossa *babysitter* e nos ajudava a inventar coreografias ao som de *R&B* dos anos 1990. Coreografias essas que ainda sabemos de cor, mas que me recuso terminantemente a fazer. A Cotton é que ainda as dança a todas. E, se eu não estivesse na escola com ela, quem é que ia filmá-la a dar espetáculo na casa de banho? Melhor ainda, quem é que ia deitar para cima dos rapazes a culpa dos puns fedorentos dela? Quem é que lhe ia dizer que o cabelo dela há de ficar giro um dia, quando os caracóis desaparecerem? Talvez a Brianna e a Deena, mas esse não era o papel delas. Era meu. Acontece que agora não o podia fazer, porque estava noutra parte da cidade, acomodada na vida com o tio Tony e a Mami, e tinha de ir a uma escola nova foleira que *elas* escolheram — porque é uma viagem mais curta — no bairro do Sunny Lancaster (que é outro caloiro na equipa de atletismo). O que significa que mudei de uma escola fixe para um colégio de betos. Chama-se Academia Chester, o que só pode ser nome de colégio de betos. Quer dizer, os convencidões que lhe deram o nome nem sequer lhe chamaram «escola».



Uma porcaria de uma academia? Enfim. De qualquer maneira, andar em Chester era... diferente. Tipo, mesmo diferente. Primeiro que tudo, tínhamos de usar uniformes. Saias com pregas e camisas abotoadas até ao pescoço. E era só para miúdas, que ainda por cima quase não têm alcunhas decentes. E não há quase nenhuma mãe que cheire a cera para o cabelo. Gel? Sim, claro. Mas cera? Népia.

— Bem, sugiro que ela se habitue depressa, senão essa coisa das corridas tem de acabar — disse a Mamã. A Mami fitou-me a direito pelo espelho. Piscou o olho. Ela sabia que a Mamã estava a falar a sério sobre a escola, mas também tinha noção de que eu precisava de correr.

Quando a Mami estacionou à porta da igreja, disse o mesmo que todas as semanas:

— Rezem uma oração por mim e pelo vosso tio.

E a minha mãe respondeu o mesmo de sempre.

— Deus sabe como precisam.

A Mami e o tio Tony nunca vão à missa, mas, quando a minha mãe tratou das coisas para eu e a Maddy irmos viver com eles, foi na condição de que não fáltssemos uma única semana. A missa consiste basicamente numa data de conversa fiada sobre a graça divina e a fé, a misericórdia e a salvação das almas, o que para mim equivale a gritos, palmas e cantoria num edifício construído de propósito para ser uma sauna. Ou a

recordação constante de que toda aquela trabalhadeira a desembaraçar o cabelo foi uma perda de tempo, já que é garantido que saímos sempre dali com os cabelos amarranhados numa gigantesca nuvem frisada.

Por causa da cadeira de rodas da minha mãe, ela tem de ficar na nave lateral, enquanto eu e a Maddy nos sentamos na coxia um pouco mais atrás. Desde o início da celebração, a Mamã vai espreitando por cima do ombro para ver se estamos a comportar-nos, o que é difícil porque estamos na última fila com os malcheirosos dos Thomases. Desde que os conheço que o senhor e a senhora Thomas sempre cheiraram a bolas de naftalina. Ficam sempre sentados na fila de trás, que é também a nossa, e portanto, iá, a maior parte das vezes eu estou só a rezar a Deus para que não me deixe cair para o lado asfisiada. *Senhor, meu Deus, concede-lhes a bênção de uma barra de sabão. Um pouco de perfume. Qualquer coisa. Precisamos de um milagre.* Ou então: *O que fiz eu para merecer isto? Senhor, meu Pai, porque me abandonaste?*

Há no entanto uma parte da missa em que a Mamã descontrai um bocadinho da atitude de guarda prisional. É quando o pastor Carter desata a transpirar, e a irmã Jefferson começa a rir-se. Sabem, é que, quando o suor e as risadas irrompem, isso quer dizer basicamente que toda a gente na igreja foi tomada pelo espírito. E quando o pastor começa a bater com a mão no púlpito, e atira uma daquelas frases das escrituras que

toda a gente conhece, tipo «Ainda que eu caminhe pelo vale da sombra da morte», essa é a deixa para o organista, o Dante, se preparar para tocar a música alegre. É como a música que tocam no início dos jogos de beisebol, mas mais acelerada, e repetida uma e outra vez até todas as senhoras na igreja entrarem no espírito. E quando apanhamos o espírito, isso não quer dizer que tenhamos esticado o braço para o agarrar como se fosse uma bola, nem nada. Nem por sombras. Apanhar o espírito é mais como se o espírito nos apanhasse a nós. E, quando isso acontece, não conseguimos deixar de dançar. Mas não é dançar de qualquer maneira. Não é dançar como a Cotton. É dançar como se a igreja estivesse infestada de baratas e tivéssemos de as pisar a todas. Como se quiséssemos abrir um buraco no chão. Como se estívéssemos a tentar partir os saltos dos sapatinhos brancos de igreja.

E a Mamã adora esta cena. Sempre adorou. Só que agora ela não pode dançar. Portanto, quando se vira para trás nesta parte, é porque quer ver-nos a mim e à Maddy a apanhar o espírito. Na verdade, quer ver-nos aos saltinhos. Quer ver-nos mexer as pernas a um milhão de quilómetros por minuto. A Maddy adora fazer isso. Assim que ouve a música, desata a contorcer-se no banco como faz quando eu a penteio. Quanto a mim, bem, já não tenho grande interesse em dançar. Mas adoro a minha mãe. Portanto, olho para a Maddy e ela levanta-se,

com os ombros a abanar e um sorriso pateta nos lábios — mas só por um segundo, antes de imitar os outros fiéis e fazer uma cara séria como se tivesse cheirado outra vez de repente a naftalina dos Thomases. E então eu ponho-me de pé. A Mamã afasta a cadeira de rodas para nos dar espaço para sairmos do banco corrido sem tropeçarmos ou roçarmos nas rodas, o que nos sujaria os vestidos domingueiros.

E quando saímos para o corredor lateral... é hora de festa. Ou, melhor, é hora da ginástica. É como se fosse uma dança irlandesa com pessoas negras, ou qualquer coisa do género. Na verdade, lembra-me alguns dos exercícios de aquecimento que o treinador nos põe a fazer nos treinos. Joelhos bem altos. Pés a mexer. E a Mamã adora aquilo, mas não pode desatar aos murros na palma da mão e gritar na igreja: «Força, Maddy! Força, Patty! Vão, vão, vão!» Não seria lá muito próprio. O que pode fazer é gritar:

— Sim, Senhor! Sssim! Obrigada, Senhor! Obrigada!  
O que é basicamente a mesma coisa.

Depois da missa, a Mami está sempre à porta à nossa espera, e eu tenho de fazer o mesmo processo — pôr a Mamã no carro, a cadeira de rodas no porta-bagagens. A única diferença é que, no regresso a casa, a Mamã está inebriada com Jesus e mostra-se mais disposta a falar sobre aquilo em que eu sou mesmo boa,

embora esta semana não me tenha saído lá muito bem.  
Correr.

— Tu sabes que eu rezo muito por ti. Rezo a Deus que te ponha algo especial nas pernas ou nos músculos, para poderes correr sem te cansares — disse ela, com um dedo espetado no ar, orgulhosa por ter conseguido enfiar temas religiosos numa conversa normal, coisa que está sempre a tentar fazer.

— Ela é mesmo especial — acrescentou a Mami.

Odeio quando tentam animar-me falando como se eu não estivesse ali.

Mas eu perdi.

Perdi, perdi, perdi.

Sentei-me para trás, com o queixo bem fechado. A Maddy estava mesmo ao lado, a dar pontapés na cadeira da Mami.

— Oh, eu sei que é. Afinal, é minha filha. —  
A Mamã virou-se e, desta vez, olhou para mim radiante.  
— E eu cá não faço porcarias.

Livros que te surpreendem pela história,  
que te atraem pela imagem,  
que te conquistam pela mensagem,  
que se distinguem como estrelas brilhantes.

**LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO**



«ESTAMOS TODAS A TENTAR PERCEBER COMO É QUE  
FUNCIONA ESTA CORRIDA DE ESTAFETAS... QUE É A VIDA.»

A Patina Jones (ou Patty, como ela prefere ser chamada) é uma adolescente bem diferente das colegas fúteis e mimadas do colégio privado que frequenta. Em casa, na escola e na equipa de atletismo, a Patty dá sempre o máximo para estar à altura do que lhe é exigido.

Esta jovem heroína não vive com os pais, mas com os tios; não estuda numa escola pública, mas numa escola de elite; não corre num sítio qualquer, mas numa equipa de atletismo. São muitos os desafios com que tem de lidar todos os dias, incluindo cuidar da irmã mais nova, mas, felizmente, está rodeada de pessoas que a adoram e a ajudam a ser melhor em todas as áreas da sua vida.

Trabalhar em equipa e participar em corridas de estafetas vão levá-la a amadurecer ainda mais depressa. Aos poucos, a Patty vai percebendo que a vida é uma contínua transmissão de testemunho e que cada um tem de dar o seu melhor para que todos fiquem a ganhar.

A Patty conta-nos a sua história repleta de pessoas inspiradoras, que lhe ensinam (e também a nós) a importância de estabelecer relações fortes para se superar na pista e fora dela.

 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-778-6</p> <p>13+</p>  <p>9 789896 687786</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---